

PATROLA

ZERO HORA

Nº 10

sexta, 2 de abril de 2004

dulee helfer/zh

OS 101 VIRA-LATAS

Ticiano Osório

Se o cachorro é o melhor amigo do homem, eis a melhor amiga dos cães: **Aline Orestes Vieira**, 23 anos. Ela protagoniza uma versão mais realista, mais sofrida e talvez mais gratificante da história dos 101 Dálmatas. Na chácara onde mora com a mãe e o pai, em Viamão, vivem 87 cuscos (30 adultos e 57 filhotes). O vilão não é de carne e osso nem obcecado por casacos de pele canina, como Malvina Cruela – quem tira o couro da família é mesmo a falta de dinheiro.

É por isso que, antes de entrarmos no terreno de quase dois hectares dos Vieira, que também abriga cinco gatos, um papagaio e a égua Isadora, nossa história retrocede um pouco no tempo. Seu Valter, hoje com 51 anos, era dono de uma empresa de aplicação de gesso, com 30 funcionários. Quando uma construtora de Porto Alegre pediu falência, em 1998, a empresa de Valter quebrou junto.

– A mudança foi radical – conta dona Vladete, 45 anos. – Antes, o café da manhã tinha que ser com pãozinho Seven Boys. E aí que tivesse um nervinho no bife dela.

A festa de debutante de Aline reuniu 500 convidados. Hoje, o máximo que seu pai consegue, trabalhando como autônomo na construção civil, é levar R\$ 1,5 mil por mês para casa – sendo

que, só em ração, gasta-se de R\$ 800 a R\$ 900. A desempregada Aline, por sua vez, precisou largar a faculdade de Veterinária, na Ulbra.

A mudança foi radical, mas a paixão da família por animais resistiu. Quando bateu a crise, eles já estavam com 12 cães e um punhado de gatos. Havia bichos de estimação, como a basset hound Agatha, mas muitos eram vira-latas recolhidos das ruas (mais tarde, a própria vizinhança passou a deixar guaipecas no portão da chácara). Xuxa, 13 anos, foi a primeira da matilha.

– Eu tava indo para o colégio e vi ela, sarrentinha – lembra Aline.

A vocação salvadora da família dá margem até para o “crime”.

– Já roubamos a cadela de um homem que não cuidava – confessa dona Vladete.

Diz Aline que eles foram para a chácara, onde vivem em uma casa improvisada, erguida com compensados, por opção.

– Não tínhamos como ficar com os cachorros no outro endereço. Cuidar deles é arte de todos.

A “arte” é encarada como “loucura” e “fuga” por alguns familiares, revela a garota.

– Os cachorros são uma

alegria para nós, sim. Pelo menos os cães ficaram conosco. Quando tu tem dinheiro, todo mundo te procura. Agora...

Agora a família tem, quando possível, a ajuda do grupo Duas Mãos, Quatro Patas (www.duasmaosquatropatas.com.br), que bancou a castração dos animais – supernecessária para evitar acidentes multiplicadores como o *affair* entre Rambo e Pedrita.

– Não era para ter acontecido. O Rambo fugiu e... ..E a Pedrita (ou Pepita, como chama Aline, ou Pepê, como apelidou a mãe) pariu oito filhotes, oito ursinhos de tão fofos.

– Eles são o máximo, né? – aponta Aline. – Essa carinha com que olham, pedindo, não tem como negar.

A carinha dos cães da chácara é mesmo de felicidade. A despeito da magreza dos adultos – que têm a comida restringida quando a corda aperta –, todos ganham muito carinho e recebem um atendimento quase personalizado. A família sabe o nome de cada um?

– Não. Os filhotes são muitos. Então é o Um, o Dois, o Três...

Ainda assim, distinguem os traços de personalidade de seus hóspedes. A Babá, por exemplo, recebeu esse nome porque é uma cadela sem filhotes que distribui meiguice aos pequenos.

Tirando os que são de estimação, todos os cães podem ser doados. O compromisso para quem adotar é um só: tem que dar muito amor aos bichinhos – Aline e Vladete fiscalizam. Elas gostam tanto dos cachorros que admitem:

– Quando vem alguém para pegar um, a gente fica torcendo para que não leve esse ou aquele.



Confira a galeria de fotos em zh.clicrbs.com.br

